

## **Mercado turístico: Quais as dificuldades experienciadas por profissionais de turismo negros ao se inserirem no mercado de trabalho?**

*Joyce Souza Oliveira<sup>1</sup>*  
*Juliana Maria Vaz Pimentel<sup>2</sup>*  
*Pablo José Henrique Aio<sup>3</sup>*  
*Renivaldo José dos Santos<sup>4</sup>*

**Resumo:** A presente pesquisa tem por objetivo compreender quais são os problemas enfrentados pelos turismólogos negros ao se inserirem no mercado turístico, a partir de uma entrevista realizada com uma turismóloga negra. Para o desenvolvimento, foi utilizada a metodologia exploratória, de caráter qualitativo. Os resultados preliminares demonstram que o preconceito racial enfrentado por pessoas negras dentro do mercado turístico se dá de forma velada, a cobrança por resultados é redobrada em relação aos funcionários brancos, além do negro ser associado a postos de trabalhos considerados inferiores aos quais ocupam dentro do local onde prestam serviços.

**Palavras-chave:** Turismo; Racismo; Mercado Turístico.

**Abstract:** El objetivo de la presente investigación es conocer los problemas a los que se enfrentan los expertos en turismo negro a la hora de entrar en el mercado turístico, a partir de una entrevista realizada a un experto en turismo negro. Para el desarrollo se utilizó la metodología exploratoria, de carácter cualitativo. Los resultados preliminares demuestran que el prejuicio racial al que se enfrentan los negros dentro del mercado turístico se produce de forma velada, la exigencia de resultados se redobla en relación con los empleados blancos, además de asociarse a los negros con trabajos considerados inferiores a los que ellos ocupan dentro del lugar donde prestan sus servicios.

**Key-Words:** Turismo; Racismo; Mercado Turístico.

### **Introdução**

Os obstáculos vivenciados por pessoas negras na sociedade são diversos, tais como, discriminação, exclusão de espaços de convívio social e baixa inserção no mercado de trabalho. (FARIAS; PIMENTEL; SANTOS, 2021). Para Fernandes (2008, apud FERREIRA, 2018) o período pós-escravocrata no Brasil fez com que fosse perpetuada a subalternização da população negra. Essa condição foi agravada com o regime capitalista que acentuou as desigualdades de classe, raça e gênero, precarizando a condição de trabalho das pessoas negras, que embora fossem livres, de acordo com Fernandes (2008, p. 29, apud FERREIRA,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Turismo - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ROSANA)  
E-mail: [joyce.oliveira@unesp.br](mailto:joyce.oliveira@unesp.br)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ROSANA)  
E-mail: [juliana.vaz@unesp.br](mailto:juliana.vaz@unesp.br)

<sup>3</sup> Graduando em Turismo - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ROSANA)  
E-mail: [pablo.aio@unesp.br](mailto:pablo.aio@unesp.br)

<sup>4</sup> Doutor em Física - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ROSANA)  
E-mail: [renivaldo.santos@unesp.br](mailto:renivaldo.santos@unesp.br)

2018, p. 36) “[...] não dispuseram de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva”. Destarte, segundo Filho (2018, apud, FARIAS; PIMENTEL; SANTOS, 2021) o decreto da Lei Áurea de 1888, que aboliu a escravidão, não promoveu políticas assertivas à população negra para que se pudesse aniquilar o preconceito racial e possibilitar o acesso à educação e a integração do negro economicamente à sociedade.

Diante dessa realidade, consideramos que o turismo também pode ser visto como uma atividade econômica segregadora, pois, dentro de seu respectivo mercado, o número de profissionais negros e turistas negros é baixo, devido às dinâmicas de opressão racial e social (FERREIRA, 2018) que compõem o racismo estrutural no Brasil. Portanto, a partir de uma breve entrevista realizada com uma turismóloga negra, pudemos evidenciar as dificuldades enfrentadas por ela no mercado de trabalho turístico.

Diante do questionamento de quais as dificuldades experienciadas por profissionais de turismo negros ao se inserirem no mercado turístico, buscamos compreender as práticas discriminatórias e preconceituosas vivenciadas por uma entrevistada negra. Para esse alcance, a metodologia utilizada foi a de caráter exploratório, visto que, de acordo com Gil (1987, p. 41), “proporcionam maior familiaridade com a questão, o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Utilizamos também a abordagem qualitativa para compreendermos com mais precisão as dificuldades enfrentadas por essa turismóloga negra. Para o desenvolvimento da pesquisa aplicamos uma breve entrevista através da plataforma online WhatsApp com a profissional egressa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” que atua no setor hoteleiro, na região sul do Brasil. O objetivo geral desta pesquisa é demonstrar, de forma breve, os problemas enfrentados pelos negros ao entrarem no mercado de trabalho turístico. Dessa maneira, a presente discussão se divide em duas partes, a primeira versa sobre os referenciais teóricos que deram aporte para nossa discussão e, a segunda parte, pauta-se nas respostas da entrevistada, relacionando-a ao referencial teórico que deu sustento à nossa pesquisa.

### **Discussão e Resultado**

Os obstáculos que profissionais negros enfrentam ao se inserirem no mercado de trabalho são inúmeros. O preconceito racial vivenciado pelos negros os excluem da tomada de decisão das esferas econômica, social, cultural e política e, no que tange ao turismo, a segregação racial também se faz presente. Portanto, para explicitarmos essa reflexão, foi realizado quatro questionamentos a uma entrevistada que está inserida no mercado turístico. A

primeira pergunta voltada a profissional foi: quais as dificuldades encontradas por você para ingressar no mercado turístico? A entrevistada responde que já houve momentos em que tenha sido preterida para cargos devido a sua raça, de modo velado, portanto, pontua, que por consequência desta situação, a pressão de ser mulher e negra dentro do mercado de trabalho se potencializa para que adquira o mesmo nível de aprovação e remuneração em relação a demais colegas de trabalho. Essa afirmação pode ser vista conforme seu depoimento:

mesmo que depois que a gente entra pro mercado de trabalho ou permanece nele nos é cobrado em uma escala maior a apresentação de resultados pra que a gente consiga se manter em determinados cargos ou até mesmo ser reconhecido em termos de galgar cargos melhores e funções mais reconhecidas ou melhores remuneradas (Entrevista realizada em: 09/10/2021).

O segundo questionamento respondido pela entrevistada dispõe sobre se ela já sofreu algum tipo de preconceito dentro do mercado de trabalho. A mesma redarguiu que: “todo brasileiro praticamente, mulher, negra, da comunidade LGBT, ou qualquer outra particularidade que seja, já sofreu algum preconceito na vida”. Acentua, que muitas vezes, esses preconceitos são velados, disfarçados de brincadeiras, conforme podemos verificar em seu depoimento:

quando a gente fala de sofrer algum tipo de preconceito, muitas vezes, essa demonstração não é tão clara, às vezes é velada, às vezes é travestida de alguma brincadeira e eu diria até mais, travestida de alguma forma de afeto ou alguma descrença, alguma ignorância da parte contrária, então diria que é comum se vivermos num país miscigenado (Entrevista realizada em: 09/10/2021).

Sobre o mercado turístico, a profissional salienta que a atividade é caracterizada pelo deslocamento de pessoas, “o turismo prevê o deslocamento e se estamos nos deslocando para diversos lugares com certeza somos passíveis de sofrer algum tipo de preconceito e pode ser no mercado de trabalho”. Em vista disso, a entrevistada destaca que na cidade de Criciúma (SC), local em que trabalha, já foi confundida com uma pessoa de outra nacionalidade pelo seu tom de pele: “então, já fui confundida com pessoas por exemplo do Haiti. “Ah” já me perguntaram se eu era do estado da Bahia e eu sou natural de São Paulo, né!” Diante do exposto pela entrevistada, podemos verificar que a mesma situação foi vivenciada pelo jornalista Dias<sup>5</sup> (2017) ao relatar que em uma das suas 23 viagens foi confundido com a população local dos países, que respectivamente era um tour ao Saara, Marrocos. O jornalista revela também que das 23 viagens realizadas por ele, sofreu algum tipo de preconceito em 21

---

<sup>5</sup> Guilherme Soares Dias é jornalista, tornou-se digital-nômade. No ano de 2016, decidiu viajar por 23 países dos cinco continentes no período de 9 meses, compartilhando histórias e experiências enquanto sujeito negro ao redor do mundo.

locais de destino, ou seja, somente em dois locais visitados, não sofreu nenhum tipo de preconceito racial.

Outro ponto, comentado pela entrevistada, nesta mesma questão, refere-se à situação do preconceito vivenciado dentro de seu setor de atuação:

atualmente eu trabalho dentro do setor de recepção e de reservas no hotel que eu trabalho e tenho até um cargo gerencial, sou responsável pelo setor, mas, em outro lugar já me perguntaram se é dentro do meu trabalho é me deram duas opções na verdade se o setor ao qual eu trabalhava era na cozinha ou era no setor da governança da limpeza. O que obviamente não teria nenhum problema em afirmar, mas existe um problema nessa pergunta, quando a pessoa olha pra nós, olha pra nossa cara, pro nosso tom de pele e naturalmente atribui a setores mais subsetores digamos assim dentro da hotelaria, isso sim acredito como uma forma de preconceito (Entrevista realizada em: 09/10/2021).

O próximo questionamento feito a ela refere-se a sua visão a respeito da inserção do negro no mercado de trabalho turístico. A profissional aponta para a baixa presença de profissionais negros dentro do núcleo de seu mercado.

Dentro do meu núcleo, na minha unidade, se tiver 30%, 40% dos colaboradores negros eu acho que é muito. Ainda vemos num país como o nosso, a grande maioria de colaboradores em determinados setores do trabalho, não são pessoas negras, isso influencia em muitas coisas, isso influencia em representatividade (Entrevista realizada em 09/10/2021).

Dentro do mercado de trabalho do turismo, a profissional comenta sobre não ser necessário uma formação específica para atuar na área.

Então a gente vê que é ainda um mercado carente de pessoas que tem formação, tem estudo na área e muitas vezes são recrutadas pessoas que no geral não tem uma formação tão específica pra trabalhar e sendo assim pessoas que aceitam qualquer tipo de remuneração ou qualquer posto de trabalho ou pessoas que tenham dificuldades de ascensão para esses cargos (Entrevista realizada em 09/10/2021)

Sobre isso Ferreira (2018, p. 36-7) comenta que “[...] quando são verificadas as métricas de agências oficiais como IBGE (2015) e IPEA (2014), se constata que somente 9,6% de pessoas não brancas, entre homens e mulheres, possuem ensino superior no Brasil, em comparação a 22,2% de brancas e brancos autodeclaradas/os”.

Quando instigada a responder sobre a sua visão da inserção do negro no mercado de trabalho turístico, a entrevistada comenta sobre o que pode ser melhorado na área:

há um esforço em relação à inserção e permanência de pessoas de pele negra, pessoas negras, no mercado de trabalho, sobretudo no mercado de trabalho de turismo. Um país que há muito pouco tempo escravizava pessoas vindas da África como se fossem animais ou como se fossem pessoas de subgêneros, que, agora estamos nos entendendo como um país livre, como pessoas de pele negra que precisam ser inseridas e permanecer no mercado de trabalho pra sua subsistência, para o seu lazer muito pode ser melhorado obviamente, mas eu acredito muito no

amadurecimento nosso, de sociedade, enquanto população, a quebra de preconceitos, a mudança de paradigmas. Estamos buscando apenas conseguir conviver, andar nas ruas né? Ser reconhecido no mercado de trabalho independente do tom de pele que tenhamos, do formato do nosso cabelo, do nosso nariz e ser reconhecidos como profissionais tanto quanto qualquer outra pessoa (Entrevista realizada em 09/10/2021).

Diante do exposto pela entrevistada, pudemos verificar que pessoas negras enfrentam diversos problemas oriundos da sua cor de pele e, o mercado turístico, também é envolto pelo racismo estrutural presente em nossa sociedade. No entanto, o turismo também pode se tornar uma atividade econômica com vistas a mitigar o preconceito racial vigente. Como exemplo dessa assertiva, apontamos como alternativa de valorização da cultura étnica racial, e de sustento de empreendimentos de pessoas negras, a startup Diáspora Black. (DOMINGOS, 2019) que promove a valorização da identidade afro-brasileira a partir de roteiros étnico-afros. Para Domingos (2019, p. 19) esse empreendimento “surge com o objetivo de valorizar a história do povo negro, através de elementos que incorporam a sua cultura e que fizeram parte da história de seus antepassados”.

Deste modo, compreendemos, que a oferta de roteiros de turismo étnico-afro pode vir a contribuir para que a população negra seja motivada a consumir o produto do qual o originou, além de criar postos de serviços que respeitem a diversidade racial . Portanto, empresas como a Diáspora Black se tornam importantes, por valorizar empreendimentos afrocentrados, e impulsionar o mercado de trabalho voltado para pessoas negras.

### **Considerações finais**

Neesta breve pesquisa, pudemos demonstrar que o racismo vivenciado por profissionais negros no mercado turístico acontece de maneira, por vezes, velado. Os profissionais negros ao se inserirem no mercado de trabalho, e no caso específico do presente estudo, no mercado turístico, experienciam situações que os condicionam a postos de trabalhos de caráter inferior e, até mesmo, são associados à prestação de serviços que não coadunam com suas funções reais.

O racismo brasileiro que direcionou a subalternização da população negra, além de outros problemas, deixou rastros de desemprego e baixa formação acadêmica. A inserção de profissionais não brancos no mercado turístico, assim como iniciativas de afroempreendedores são vistas como formas de mitigar o preconceito racial existente. As situações apontadas ao longo da discussão demonstram como o racismo estrutural está presente na área de atuação de profissionais negros no mercado turístico e, que diante de episódios de preconceito e opressão, necessitam demonstrar maior produtividade em relação aos brancos para permanecerem em

seus postos de emprego.

## Referências

DIAS, Guilherme Soares. 2017. **Como é ser um corpo negro viajando pelo mundo?** Disponível em: <https://www.mondayfeelings.com/pt-br/corpo-negro-viajando/>. Acesso em: 10 out. 2021.

DOMINGOS, Alexandre Balbino. **DIÁSPORA.BLACK: o fortalecimento do turismo étnico-afro..** 2019. 98 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2019.

FARIAS, João Paulo Bloch de; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; SANTOS, Letícia Cassiano. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Brasil, v. 21, n. 2, p. 51-65, 03 de maio de 2021.

Ferreira, M. A., & Casagrande, L. S. E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. **Revista Mundi - Sociais e Humanidades**, 3(2), 1-21, 2018.

Gil, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 42-63, 11 dez. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n1id22322>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/22322/13523>. Acesso em: 10 out. 2021.